

8Aprendendo a tocar *fole*: processos de aprendizagem do acordeon diatônico de oito baixos em Sertânia-PE e Serra Talhada-PE

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Ítalo Fernandes da Silva
UFPE
italo.fernandess@ufpe.br

Resumo. O acordeon diatônico de oito baixos, ou sanfona de oito baixos, é um instrumento aerofonio (produção sonora através do ar) que pode ser encontrado em diversos países, com papéis sociais específicos. Dentre a família dos acordeons, além dos oito baixos, temos o acordeon de teclas, também tendo uma presença muito marcante em diversas regiões do Brasil. O presente artigo tem como objetivo descrever e discutir os processos de aprendizagem da sanfona de oito baixos nas cidades de Sertânia e Serra Talhada-PE. A pesquisa teve duração de 7 meses e é parte integrante do projeto *Inventário do Forró Tradicional do Interior de Pernambuco* e contou com uma equipe de pesquisadores, professores e auxiliares de pesquisa. Durante o mapeamento, o trabalho de campo nos renderam 3 folistas (como é chamado o tocador de sanfona de oito baixos), com experiências únicas, além de duas jovens que iniciaram no instrumento através de material escrito (algo pouco encontrado durante a pesquisa). No geral, a aprendizagem era pautada na oralidade, onde a observação e a escuta eram cruciais para que o aprendiz pudesse reproduzir em seu instrumento e assim progredir didaticamente. Além disso, a relação entre repertório e processo de aprendizagem foi um ponto forte observado já que era um fator crucial para motivação e desenvolvimento do folista no decorrer do processo.

Palavras-chave. Acordeon de oito baixos, Aprendizagem, Educação musical, Oralidade, Repertório

Title. learning to play bellows: learning processes of the eight-bass accordion in Serra Talhada and Sertânia-PE

Abstract. The eight-bass diatonic accordion, or eight-bass sanfona, is an aerophone instrument (sound production through a body of air) that can be found in different countries, with specific social roles. Among the accordion family, in addition to the eight-basses, we have the piano accordion, also having a very strong presence in several regions of Brazil. This article aims to describe and discuss the learning processes of the eight-bass sanfona in the cities of Sertânia and Serra Talhada-PE. The research lasted 7 months and is a fundamental part of the *Inventário do Forró Tradicional do Interior de Pernambuco* project and included a team of researchers, teachers and research assistants. During assessment, the fieldwork brought us 3 folistas (as the eight-bass sanfona players are called), with unique experiences, in addition to two young women who started playing the instrument through written material (something rarely found during the research). In general, learning was based on oral communication, where observation and listening were crucial so the apprentice could play on their instrument and thus make didactic progress. Furthermore, the relationship between repertoire and the learning process was a strong

point observed as it was a crucial factor for motivation and development of the folista throughout the process.

Keywords. Accordion of eight basses, Learning, Music education, Speaking, Repertoire

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo descrever e discutir os processos de aprendizagem dos “folistas” das cidades de Sertânia-PE e Serra Talhada-PE. O acordeon diatônico de oito baixos é um instrumento da família dos aerofones (instrumentos cuja produção sonora se dá por meio do ar), cujo seu lado direito conta com duas fileiras de botões e o lado esquerdo com oito baixos (daí o nome do instrumento). Outro instrumento da mesma família é o acordeon de teclas, que conta com modelos de 80 e 120 baixos, e que também está presente em diversas regiões do Brasil, principalmente no nordeste e sul. O instrumento recebe outros nomes de acordo com a região que se encontra. Na região sul, por exemplo, o instrumento é chamado de gaita-ponto. Já na região nordeste (onde ocorreu a presente pesquisa) é chamado de sanfona ou fole de oito baixos, como fala Ferreira (2019) quando diz

A gaita-ponto, instrumento aerófono, pertence à família dos acordeons. Além da gaita-ponto, pertence a essa família o acordeom de teclas, também conhecido por acordeom a piano ou gaita a piano. O modelo de acordeom diatônico com duas fileiras de botões para a mão direita e oito botões para a mão esquerda é conhecido na região Sul do Brasil como gaita-ponto e na região Nordeste como sanfona de oito baixos. A principal característica deste instrumento é a sonoridade dupla (bissonoridade) para cada botão. Assim, um mesmo botão emite notas diferentes se o fole é aberto ou fechado. Sendo assim, a técnica da gaita-ponto difere bastante do acordeom de teclado. (FERREIRA, 2019, p.22)

O autor também aponta uma característica bastante pertinente na sanfona de oito baixos¹ que é a sua *bissonoridade*. Segundo Peres (2009, p.4), dar-se o nome de *bissonoridade* à sanfona de oito baixos devido ao seu mecanismo interno de produzir notas diferentes para o mesmo botão quando abre ou fecha o fole do instrumento. Os acordeons possuem três partes principais na sua estrutura externa, sendo o lado direito contendo duas fileiras de botões (no caso dos oito baixos) ou teclas (no caso do acordeon com teclas); o lado esquerdo onde se encontram os baixos do instrumento (geralmente usados para acompanhar a melodia

¹ Optamos em usar o termo *sanfona e/ou fole de oito baixos* ao invés de acordeon, adotando o terminologia usada pelos músicos consultados.

executada com a mão direita); e entre as duas partes, o fole, espécie de estrutura sanfonada que se expande e se contrai com movimentos de abrir e fechar.

O trabalho é parte integrante do projeto *Inventário Do Forró Tradicional No Interior De Pernambuco*, que vem construindo o inventário do forró no interior pernambucano, precisamente nos municípios de Caruaru, Bezerros, Garanhuns, Santa Cruz do Capibaribe, Arcoverde, Serra Talhada, Sertânia, Petrolina, Bodocó, Exu, Tacaratu e Floresta, envolvendo uma equipe de pesquisadores(as), técnicos e assistentes de pesquisa. O projeto está sendo realizado pela Associação Respeita Januário (ARJ) e é vinculado ao órgão Fundarpe, sendo financiado principalmente pelo Governo de Pernambuco (Funcultura) e tem parceria com o IPHAN – Governo Federal. O artigo em questão é referente às cidades de Sertânia e Serra Talhada, com recorte para a aprendizagem da sanfona de oito baixos.

A pesquisa, como dito acima, ocupou-se em investigar, mapear, entrevistar e acompanhar os músicos e outros profissionais inseridos no ciclo produtivo do forró, ou seja, músicos instrumentistas (de diferentes instrumentos), cantores, poetas, produtores, todo aquele que de alguma forma contribui para a manutenção do forró nas regiões contempladas pela pesquisa. Ficou de incumbência de nossa equipe mapear Sertânia e Serra Talhada, e de minha incumbência enquanto bolsista PIBIC e assistente de pesquisa pela ARJ, registrar tudo que diz respeito às sanfonas (seja de teclas ou de oito baixos). Juntamente com outro bolsista, todos os dados que envolvessem os instrumentos, seja músicos, familiares, instituições, locais de eventos e escolas, foram visitados e consultados na tentativa de levantarmos o máximo de informações sobre a prática desses instrumentos na região. Tudo relacionado à Sertânia também foi destinado ao PIBIC, enquanto Serra Talhada foi destinado a ARJ (na qual financiou todos os custos).

Como resultado, em Sertânia encontramos uma escola de sanfonas de teclas onde a prática de ensino estava “institucionalizada”, embora não seguisse os padrões educacionais comuns de instituições de ensino de música. As aulas eram orientadas por um professor, através de processos de escuta, observação e imitação por parte dos alunos. Tal processo será melhor discutido posteriormente. Além desta metodologia, o uso de escrita também foi encontrado, porém não a convencional partitura, tão encontrada em ambientes escolares musicais. O professor utilizava um sistema de escrita que propomos chamar de *Escrita Numérica*, onde os números escritos acima das notas representavam os dedos da mão direita.

O foco não eram as notas mas sim o dedilhado. A título de consulta, segue uma fotografia da lousa de uma das salas da escola (Figura 1)

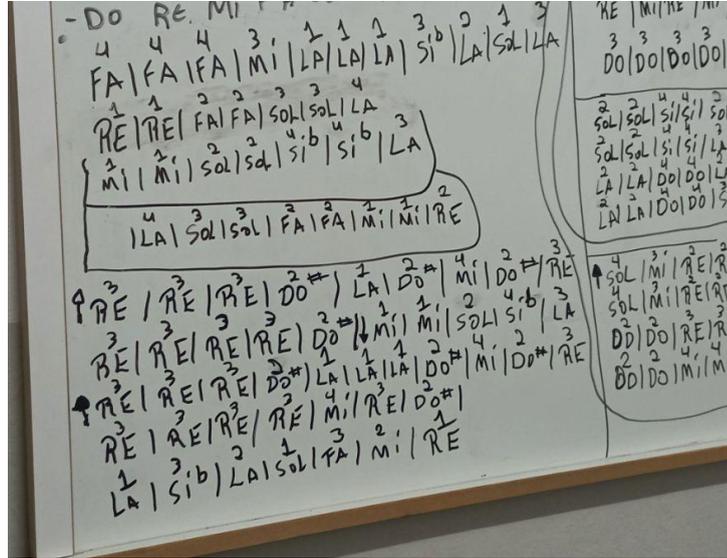


Figura 1 - Lousa com atividade em escrita numérica.

Para facilitar a compreensão, transcrevemos a primeira parte da canção tanto da forma com que se encontra na lousa (Figura 2) como para a partitura (Figura 3). A canção em questão é “Fogo sem fuzil” interpretada por Luiz Gonzaga.

4	4	4	3	1	1	1	3	2	1	3
Fa	Fa	Fa	Mi	La	La	La	Sib	La	Sol	La
1	1	2	2	3	3	4				
Re	Re	Fa	Fa	Sol	Sol	La				
1	1	2	2	4	4	3				
Mi	Mi	Sol	Sol	Sib	Sib	La				
4	3	3	2	2	1	1	2			
La	Sol	Sol	Fa	Fa	Mi	Mi	Re			

1ª vez e volta

2ª vez

Figura 2 - escrita numérica digitalizada

Fogo sem Fuzil
(Subtitle)

Sanfona Luiz Gonzaga



Figura 3 - Transcrição da escrita numérica para partitura

Embora pareça confuso num primeiro momento, a escrita numérica é bem simples quando se entende os mecanismos contidos nela. Os números representam os cinco dedos da mão direita, com a respectiva nota que deve ser tocada. As setas ao lado de algumas notas informam a região da escala que deve ser tocada (no caso do primeiro “Lá”, deve ser tocada na oitava abaixo do restante da melodia). Algo que a escrita numérica não contempla é a duração de cada nota (algo que a partitura já contempla com o uso das figuras). Por isto as melodias geralmente são de conhecimento dos alunos, onde o ritmo já está claro na memória, exigindo concentração nas notas e dedilhado.

Durante as aulas, o professor solfeja os números em voz alta, e não as notas, para que os alunos fixem o dedilhado. A nota servia como referência auditiva e não visual. O uso de escrita numérica pode ser aplicado em diversas outras formas de sistema de escrita, como a tablatura por exemplo, ou seja, não é nenhuma novidade o que foi encontrado em Sertânia. No caso da sanfona de oito baixos, um caso semelhante foi encontrado, que será descrito posteriormente.

Aprendendo a tocar *Fole*

O termo "Fole" é o termo utilizado pelos próprios músicos encontrados e entrevistados durante o trabalho de campo, juntamente com o termo “sanfona de oito baixos”. Buscamos preservar as terminologias, chamando de *folista* o músico que toca oito baixos e *sanfoneiro* o que toca a sanfona de teclas. Na cidade de Sertânia, encontramos um bom número de sanfoneiros (cerca de 11 músicos que já tocam profissionalmente) e dois folistas

(sendo um deles também sanfoneiro). O trabalho de campo iniciou-se primeiramente em Sertânia devido ao antigo secretário de cultura da cidade fazer parte da equipe de pesquisa, o que favoreceu o contato com os músicos. Já em Serra Talhada, encontramos cerca de cinco sanfoneiros e apenas um folista. Juntamente com o folista, suas duas filhas também iniciaram na prática da sanfona de oito baixos, porém não deram continuidade, cada uma seguindo carreira acadêmica. Embora já não toquem, ambas as filhas aprenderam a tocar oito baixos através de material escrito, juntamente com o processo de escuta e observação utilizado pelo pai. Falaremos sobre isto posteriormente.

Os três músicos que contribuíram com a pesquisa aprenderam a tocar sanfona de oito baixos através do processo de observação, escuta e imitação/reprodução. Nenhum dos músicos teve um professor nos primeiros momentos de aprendizagem do instrumento. Os músicos observavam um músico experiente tocando sanfona de oito baixos (geralmente um familiar, como o pai, avô, tio, irmão, etc.), buscando, através da observação, apreender a técnica de segurar o instrumento, maneira de abrir o fole, disposição dos dedos entre os botões, etc. Através da escuta, buscavam memorizar as melodias tocadas, acompanhamentos dos baixos, tudo isso atrelado com a observação. Por fim, tentavam reproduzir em seu instrumento assim que tinham a oportunidade de pegá-lo, requerendo uma atenção maior para a memorização do que viram e ouviram.

Esta maneira de aprender através do ver, ouvir e repetir/reproduzir já foi estudado por diversos autores, principalmente em cenários onde a oralidade é o que norteia tanto o ensino como a aprendizagem. Alguns que podemos citar é a aprendizagem da rabeca² na região metropolitana do Recife (SILVA; SANDRONI, 2022), onde aprender a tocar o instrumento é praticamente igual ao aprender sanfona de oito baixos dos músicos de Sertânia e Serra Talhada: através da observação, escuta e imitação. Pouco se usa a escrita, seja ela qual for, no processo de ensino-aprendizagem. Algo semelhante acontece nas escolas de samba (PRASS, 1998), no congado de Montes Claros-MG (QUEIROZ, 2005) e nas esferas da música popular britânica (GREEN, 2001).

Dois dos três folistas (um de Sertânia e o de Serra Talhada), por terem uma idade mais avançada, utilizaram o rádio como ferramenta para a aprendizagem. Através da sintonização da rádio onde era comum o forró ser reproduzido, o músico buscava ouvir

² Rabeca: Instrumento de cordas friccionadas, muito semelhante ao violino, porém com características e técnicas distintas, estando presente em praticamente todo o território nacional.

canções onde o Fole³ era reproduzido ou a própria sanfona de teclado, principalmente os solos do instrumento nas introduções, e memorizavam o máximo de notas. Quando era possível, buscavam ouvir já com o instrumento em mãos, acelerando a identificação das notas reproduzidas. Ao mesmo tempo que ouviam, reproduziam na sanfona, corrigindo e conferindo se o que tocavam era semelhante ao que ouviam. Quando não era possível estar com o instrumento no momento de escuta, o processo de memorização era crucial para, em seguida, reproduzir no instrumento. Neste caso, o processo de reproduzir corretamente as canções demorava um pouco mais, requerendo outras escutas para a conferição. No caso do folista de Serra Talhada, a forma de segurar o instrumento e questões técnicas eram observadas no pai, um exímio folista. Os demais folistas, como não tinham um parente para ter como referência,

Algo que foi observado nos relatos dos músicos, tanto os folistas como os sanfoneiros, foi a recusa dos familiares em ensinar os mais jovens. Até o acesso ao instrumento lhes era proibido, levando muitas vezes os músicos a praticarem as escondidas do pai ou parente, ou desenvolvendo outros modos de praticar, como o uso de almofadas para simular o movimento do instrumento. Mesmo diante das circunstâncias, o aprendizado e a aprendizagem da sanfona, segundo Peres, “transcorre normalmente no núcleo familiar, numa relação norteada pela recusa paterna e o consequente desafio, onde é necessário que o ‘aprendiz’ (o filho) convença ao ‘mestre’ (o pai) a respeito de seu talento e habilidade” (PERES, 2011, p. 58). Portanto, essa rejeição por parte dos pais é algo mais comum do que nós pensávamos.

Já o outro folista de Sertânia, por ser mais jovem, utilizava tecnologias mais atuais no seu processo de aprender a tocar, como a internet. Através de vídeos, lives e redes sociais, o músico, além de ouvir a canção que queria aprender, observava as técnicas de postura, dedilhado e outras mais, acelerando o processo. Diferente do rádio, o audiovisual fornece mais aparatos que fazem com que o músico desenvolva a memorização e execução das canções de forma mais rápida. Toda a aprendizagem foi feita de forma autodidata, sem a figura direta de um professor ou aulas formais.

Em todos os casos, percebe-se a importância do repertório tanto para a aprendizagem da sanfona de oito baixos como para a perpetuação da motivação do músico em querer continuar tocando e progredindo. As canções aprendidas no início da aprendizagem tem relação direta com os músicos, fazendo parte do contexto cultural no qual se insere,

³ Em alguns momentos, o Fole (em maiúsculo) refere-se ao instrumento e fole (em minúsculo) a estrutura central do instrumento.

favorecendo o interesse em querer aprendê-la. É imprescindível que “o repertório utilizado tenha algum tipo de relação com o universo deles para que esses aspectos possam despertar interesse e funcionar como fatores motivadores” (Zorzetti, 2010 apud SILVA, 2019, p.26).

Referente à ensino, nenhum dos folistas desempenham o ofício da docência no momento desta pesquisa, porém os da cidade de Sertânia contam que já o fizeram no passado. O que acontece é que, como a cidade conta com uma escola de sanfonas de teclas, tendo instrumentos e estrutura para o ensino, a procura pela mesma acaba sendo maior na cidade do que a sanfona de oito baixos. Devido à baixa procura em aprender o instrumento, não há a necessidade de ensiná-lo. Portanto, os dados coletados durante a entrevista se atém mais aos processos de aprendizagem do que de ensino do instrumento.

Embora atualmente não haja turmas ou aulas particulares de sanfona de oito baixos, questionados sobre como seriam estas aulas, os músicos de Sertânia informaram que seguiam os mesmos princípios que as de sanfona de teclas: através de observação, escuta e imitação, conforme aprenderam no passado. Salvo a utilização do rádio substituída pela internet, todo o processo de ensino continua semelhante, com pouco ou quase nenhum uso de material escrito, tudo pautado na oralidade.

Aprendizagem através da escrita

O uso da escrita, seja ela qual for, foi algo que encontramos em poucas ocasiões durante nossas idas às cidades. De fato, não é que não haja este uso, porém não é tão comum aos músicos entrevistados o uso de partituras, cifras ou quaisquer outros formatos de escrita no processo inicial de aprendizagem da sanfona de oito baixos. Entretanto, isso não significa que não exista ou que não aconteça. O uso da escrita é algo que se perpetua em diversas esferas da música popular. No caso da escola de sanfona encontrada em Sertânia, por exemplo, embora os professores da escola tivessem aprendido a tocar apenas pela oralidade, foi encontrado um sistema de escrita numérica pelo qual o professor instrui os alunos na aquisição de uma melodia.

Na sanfona...

No caso da sanfona de oito baixos, embora o processo de aprendizado dos três folistas tenha majoritariamente acontecido de maneira oral, foi possível encontrar aprendizes que utilizaram material escrito para aprender a tocar. De acordo com Benigno (2023)

A aprendizagem da sanfona de oito baixos está fortemente vinculada às culturas de tradição oral, embora hoje já contamos com um material didático escrito por um dos mestres dessa cultura: Luizinho Calixto. Trata-se do Manual de Sanfona de 8 Baixos 45 voltado à Afinação Nordestina, que é o primeiro material didático para o instrumento no Nordeste Brasileiro. Luizinho hoje é professor em um curso promovido pela Universidade Estadual da Paraíba e atua, quase solitariamente, na institucionalização do ensino de sanfona de oito baixos. (BENIGNO, 2023, p. 44).

Segundo a autora, o instrumento é intrinsecamente ligado a tradições orais, onde sistemas de escrita musical são pouco adotados. Porém, relata a existência de uma apostila para sanfona de oito baixos desenvolvida por Luizinho Calixto, folista e professor em um curso da universidade do estado da Paraíba. O manual mencionado por Benigno é o mesmo encontrado em Serra Talhada, onde as filhas do folista encontrado na cidade aprenderam os primeiros passos no instrumento.

O autor da apostila é Luizinho Calixto. Filho mais novo de Dideus Calixto, cresceu numa família de sanfoneiros de oito baixos, sendo seu pai uma importante figura para o cenário do instrumento, sendo referência até os dias atuais. Todos os seus irmãos tocam sanfona de oito baixos, não lhe faltando referências para a aprendizagem, que ocorria em ambiente familiar (BARBALHO; CALIXTO, 2013). Com todo este conhecimento, desenvolveu o primeiro material didático do nordeste para sanfona de oito baixos, com intuito de fornecer suporte para os iniciantes no instrumento.

A sanfona de oito baixos, assim como a sanfona de teclado, é constituída por três partes principais, como descrito anteriormente. No caso no Fole, os botões substituem as teclas da sanfona, sendo distribuídos em dois módulos (nomeados assim na apostila). Os módulos são as fileiras de botões organizados verticalmente na extremidade direita da instrumento. O fole é a estrutura central do instrumento que, por meio do mecanismo de abrir e fechar, faz com que o ar passe pelas palhetas internas do instrumento e com isso, produza som. E os oito baixos são os botões (menores que o da mão direita) que geralmente são responsáveis por produzir o acompanhamento das melodias executadas pela mão direita. A organização das notas tanto dos botões como dos baixos segue exemplificada na primeira página da apostila (Figura 1 e Figura 2).

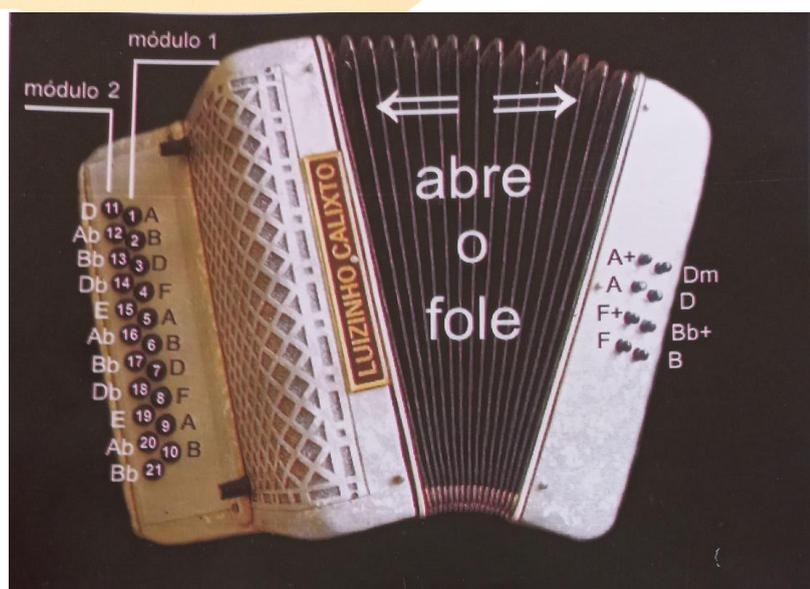


Figura 3 – Representação das notas na sanfona de 8 baixos ao abrir o fole
Fonte: Apostila de Luizinho Calixto



Figura 4 – Representação das notas na sanfona de 8 baixos ao fechar o fole
Fonte: Apostila de Luizinho Calixto

As figuras acima exemplificam quais as notas que soam ao abrir e fechar o fole da sanfona. Como falado anteriormente, a característica principal da sanfona de oito baixos é a

diferenciação de notas para o mesmo botão, abrindo e fechando o fole, chamado de *bissonoridade*. O objetivo aqui não é aprofundar-se em como as notas, principalmente dos baixos, se relacionam, mas apresentar a organização dos conteúdos da apostila. Uma informação importante sobre as Figuras 1 e 2 é o uso de letras maiúsculas para indicar notas, e não acordes como acontece nas cifras usadas principalmente para instrumentos harmônicos, como violão e guitarra. Portanto, C representa a nota Dó e não o acorde de Dó maior, e assim por diante (D para Ré, E para Mi, etc.). Vale ressaltar que esta informação se refere a como o Luizinho Calixto organizou os conteúdos em sua apostila, ou seja, é algo relacionado ao material e não ao estudo do instrumento.

Outra observação é sobre como as notas alteradas (sustenidos e bemóis) são distribuídas entre os botões. Não há uma separação entre notas naturais e alteradas, como as teclas brancas e pretas da sanfona de teclado. O músico precisa se ater às sequências de notas quando abre o fole e quando fecha, localizando as notas alteradas e, assim, tocá-las conforme as melodias que executa. Isso requer um estudo bem detalhado. Vale salientar que esta forma de analisar a apostila está intimamente ligada a maneira como fui educado musicalmente, ou seja, através de práticas formais de ensino onde a teoria musical permeia a forma como pensar os estudos. No caso dos aprendizes de sanfona de oito baixos nas duas cidades, a leitura, seja de partitura ou da apostila analisada, não é a principal ferramenta, mas sim a observação e escuta. Portanto, pensar nas sequências das notas no modo que o fole abre e fecha pode ser simplesmente tratado de forma diferente por estes músicos.

Após a apresentação da estrutura do instrumento, a apostila apresenta uma sequência de exercícios para trabalhar os tons de Dó a Si. Também é uma forma do aluno se familiarizar com o tipo de escrita adotado pelo autor (Figura 3).

EXERCÍCIO PARA DO (C) MAIOR SANFONA DE 8 BAIXOS

MÉDIO GRAVE

INDO 3 3 15 4 5 5 6 6
C D E F G A B C

VOLTANDO 6 6 5 5 4 15 3 3
C B A G F E D C

AGUDO

INDO 6 7 19 8 8 9 10 9
C D E F G A B C

VOLTANDO 9 10 9 8 8 19 7 6
C B A G F E D C

NÃO ESQUECER O DEDO POR TRÁS DO TECLADO EM HIPÓTESE ALGUMA E TAMBÉM A POSTURA

Figura 5 – Exercício para Dó maior na sanfona de 8 baixos
Fonte: Apostila de Luizinho Calixto

Neste tipo de escrita, cada elemento possui um significado, sendo necessário a compreensão de cada um deles para que a leitura faça algum sentido para o estudante. Basicamente, temos quatro elementos que precisam ser trabalhados inicialmente para que a fluência na leitura seja viável, sendo eles os números, as cores, as letras e as regiões sonoras.

Os números que aparecem dentro de círculos amarelos e azuis representam a localização do botão que deve ser tocado, conforme as indicações da Figuras 1 e 2. Já as cores representam os movimentos de abrir e fechar o fole, sendo “Azul” para abrir e “Amarelo” para fechar. Percebam que no início do exercício as duas primeiras notas têm o mesmo número com cores diferentes, representando a *bissonoridade* da sanfona de oito baixos (mesmo botão com duas notas diferentes). As letras maiúsculas representam as notas, e não as cifras (acordes), sendo C= Dó, D= Ré, E= Mi, F= Fá, G= Sol, A= Lá e B= Si. E as indicações da região onde inicia a escala, sendo grave, média ou aguda. Isto serve como reforço para que o aluno associe rapidamente onde começará o exercício e já posicionar a mão, mesmo tendo o número do dedo escrito dentro dos círculos azuis e amarelos. A ideia é que os alunos se

habituem com as regiões e não com os números, já que a extensão do instrumento é bastante ampla. Ao final do exercício, algumas indicações sobre postura.

Logo após as 7 escalas, começa o trabalho com o repertório. Uma das canções contidas no repertório é *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (Figura 4). A canção apresenta uma melodia simples e bastante conhecida, fatores estes importantes para a compor a apostila. Como este tipo de escrita, assim como a escrita numérica encontrada em Sertânia, não define divisão rítmica (como na partitura), a melodia deve ser ouvida previamente e comparada com a escrita.

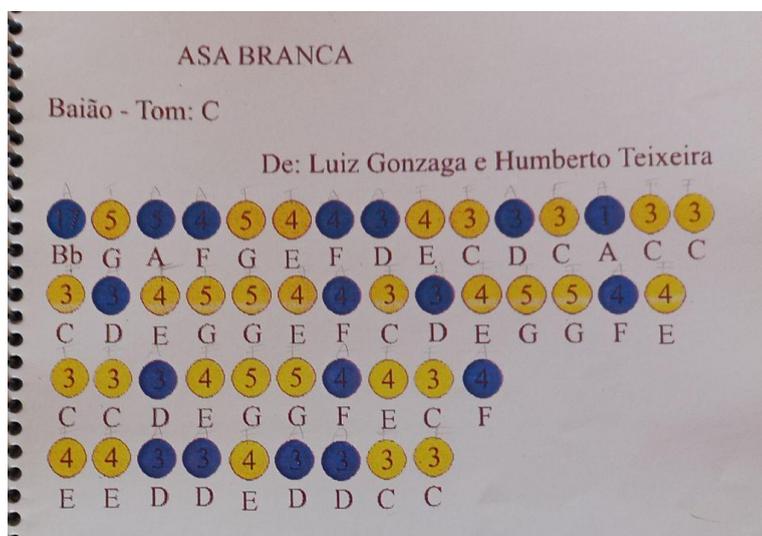


Figura 6 – Canção *Asa Branca* escrita para oito baixos
Fonte: Apostila Luizinho Calixto

Na figura acima, podemos ver alguns rabiscos das filhas do folista de Serra Talhada, as pessoas que estudaram através da apostila. Segundo elas, assimilar a cor com o movimento de abrir e fechar do fole leva um tempo para ser introjetado. Devido a isto, ela escreveu acima das bolinhas as letras A (Abrir) e F (Fechar). Algo que foi interpretado por mim com dificuldade quando tentei ler seguindo esta informação, já que para mim letras maiúsculas querem dizer notas. Por isto, A e F para mim era Lá e Fá. Apenas uma observação que tomei nota na hora.

Retomando ao repertório, a apostila conta com um total de 11 canções, com cinco subgêneros do forró, como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1 - Repertório da apostila para sanfona de 8 baixos - Luizinho Calixto

Canção	Tom	Subgênero
Parabéns - canto	F	***
Asa branca - canto	C	Baião
Festa do Chitão*	Dm	Forró
A praça	C	Marchinha
Forró na Guanabara*	Dm	Forró
Pau de arara - canto	Dm	Baião
Pau queimado*	Dm	Chamego
Quadrilha brasileira	F	Marchinha
Xaxadinho das Alagoas*	C	Chamego
Chorão - canto	C	Xote
Assum Preto - canto	Dm	Baião

Tabela 1 - relação do repertório contemplado na apostila
 Fonte: Autoria própria

Algumas observações sobre a escolha do repertório podem ser analisadas a partir da tabela acima. A primeira informação é a tonalidade das canções, que basicamente todas fazem parte do campo harmônico de Dó maior, sendo C, Dm e F. Embora a apostila conte com sete escalas, seis delas com alterações, o autor por algum motivo decidiu trazer apenas canções em afinações com poucas alterações (sustenidos ou bemóis), tendo apenas as tonalidade de F e Dm com um bemol. Um outro ponto é sobre as canções, sendo uma mistura entre canções apenas instrumentais próprias para o oito baixos (como *Festa do Chitão* e *Forró na Guanabara*), e canções com letras (como *Asa branca* e *Assum preto*). Ainda sobre as canções, todas são subgêneros do forró. Segundo Santos (2013), o forró é um termo guarda-chuva que comporta outros seis subgêneros, como o baião, o xote, o xaxado e o arrasta-pé (também chamado de marchinha). Percebe-se um subgênero chamado “Chamego” na apostila, onde não encontramos informações sobre o que seria. Pode ser um outro nome para um subgênero do forró mais conhecido, porém esta informação não consta no material, requerendo um estudo acerca do que o autor quis dizer com o termo.

A única canção que não apresenta um subgênero é “Parabéns pra você”, canção bastante conhecida mundialmente em diversos idiomas. Por ser de melodia simples e

conhecida, acredito que estes foram um dos fatores que o autor considerou ao colocar a canção como a primeira a ser estudada pelos iniciantes. Como dito anteriormente, todas as canções possuem melodias de fácil memorização, o que contribuiu para a aprendizagem das filhas do folista.

Em minhas inquietações, acabei pedindo ao folista para tentar arriscar algumas notas no instrumento e aplicar a leitura numérica da apostila. O primeiro desafio foi segurar o instrumento. Após uma rápida adaptação e correções de postura, iniciei a leitura. De fato, por já conhecer minimamente as informações contidas no material devido a minha formação musical, tive certa facilidade em arriscar algumas notas. Porém, a maior dificuldade foi a associação das cores com os movimentos do fole de abrir e fechar. Já tive a experiência em tocar pela primeira vez na sanfona de teclas e o fato da mesma tecla soar a mesma nota abrindo ou fechando o fole foi algo que facilitou meu desempenho. A *bissonoridade* do Fole foi algo que tive bastante dificuldade em assimilar, porém com um pouco de prática, a leitura foi fluindo. De fato, o material é bastante valioso para iniciantes no instrumento, visto a gama de informações precisas que traz consigo.

Conclusão

Em conclusão, o presente trabalho abordou os processos de aprendizagem dos músicos folistas nas cidades de Sertânia-PE e Serra Talhada-PE, com foco na sanfona de oito baixos, um instrumento presente na música nordestina. O estudo revelou diferentes abordagens de ensino e aprendizagem desse instrumento, destacando a importância da tradição oral na transmissão do conhecimento musical.

Embora o uso da escrita não seja tão presente na prática de aprendizagem por parte dos músicos consultados em ambas as cidades, foi possível encontrar um material didático específico para o instrumento e que auxiliou na aprendizagem de algumas pessoas. Em paralelo, vê-se a importância da oralidade neste processo pedagógico em aprender a tocar e como o repertório tem um papel fundamental no decorrer deste processo

O ato de aprender um instrumento se mostra cada vez mais diversificado, gerando e criando novas formas de se ver, ouvir, ler, reproduzir e, conseqüentemente, aprender. Os músicos que contribuem com esta pesquisa nos ajudam a compreender que a aprendizagem musical vai muito além do modo “formal” de aprender música, e que os processos de

ensino-aprendizagem podem, e acontecem, fora de uma esfera pedagógica formal, e que uma escola de música é pequena para contemplar as múltiplas facetas que é a educação musical.

Referências

BARBALHO, Alexandre; CALIXTO, Thiago. Toca o fole, sanfoneiro: Memórias e práticas no universo nordestino da sanfona de oito baixos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 11, n. 24, p. 109-121, 2013.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate, 2001.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os "Bambas da Orgia"*. Porto Alegre. 211 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189584/000230500.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 11 jul. 2023.

PERES, Leonardo Rugero. A sanfona de oito baixos na música instrumental brasileira. **Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia**, 2009.

QUEIROZ, L. Aprendizagem musical nos ternos de Catopês de Montes Claros: situações e processos de transmissão. *Ictus*, Salvador, v. 6, p. 122-138, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34251> . Acesso em: 08 set 2022.

BENIGNO, Rute Carolina da Cunha. "EU E MEU FOLE": trajetórias formativas de seis sanfoneiros profissionais. João Pessoa. 106 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/27041/1/RuteCarolinaDaCunhaBenigno_Dissert.pdf Acesso em: 24 set 2023.

SANTOS, Climério de Oliveira. *Forró: a codificação de Luiz Gonzaga*. Recife: Cepe, 2013.

SILVA, Ítalo Fernandes da; SANDRONI, Carlos. Aprendendo rabeca e forró na região metropolitana do recife. In: CONGRESSO DA ANPPOM, n. 22, 2022, Natal. *Anais... Natal*, 2022, p. 1-14. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2022/papers/1290/public/1290-5691-1-PB.pdf Acesso em: 01 jul. 2023.

SILVA, Paulo Jucirlei Cardoso da. Aprender gaita-ponto: a motivação dos alunos sob a perspectiva da teoria da autodeterminação. Porto Alegre. 97 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/195685/001094679.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 set 2023.